

A EXPERIÊNCIA HISTÓRICA NA LITERATURA DE MIA COUTO E CHIZIANE

RIBEIRO, Renata¹; MANDAGARÁ MARTINS, Aulus²

¹ Universidade Federal de Pelotas – rr.renataribeiro@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – aulus.mm@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A experiência histórica é materializada através da literatura, a qual ressignifica o passado histórico. Entrecruzar literatura e história é o objetivo deste trabalho, focando a experiência e o testemunho. Para compreender estas relações foram escolhidos autores que leem o passado e o presente através da experiência histórica. Pretende-se analisar os vestígios do passado corporificados no presente. Para tanto, foram escolhidas as obras de Mia Couto e Paulina Chiziane.

Mia Couto e Chiziane sustentam-se no impulso da experiência histórica e existem elementos comuns aos dois escritores. Por esta razão, o viés de análise escolhido é o comparatista que articula literatura e história através da interdiscursividade.

Para compreender a experiência histórica e o testemunho, advindos do registro literário, fora escolhido o seguinte corpus: *Terra Sonâmbula* (2007), *A varanda do frangipani* (2008) e *O último voo do flamingo* (2005), a denominada “trilogia da guerra” de Mia Couto; e *Ventos do apocalipse* (2006), romance de Paulina Chiziane que também versa sobre o conflito.

Todas as obras escolhidas tratam da guerra e de seus desdobramentos. O conflito aqui é compreendido como trauma, o qual, de acordo com SELIGMANN-SILVA (2008) é experienciado e necessita ser narrado.

2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada na execução deste projeto terá caráter bibliográfico, qualitativo e comparatista. Serão articuladas literatura e história através da interdiscursividade. Como afirma BUESCU (2001, p.20) “ a literatura comparada surge como espaço reflexivo privilegiado para a tomada do caráter histórico e cultural do fenômeno literário”. Desta forma, a interdiscursividade torna-se visível na relação entre as áreas.

Assim sendo, o primeiro capítulo da dissertação versará acerca da relação intrínseca entre literatura e história, seguido pelo capítulo dois, que trará um inventário das obras literárias; de um terceiro que abarca a experiência e o testemunho; e um último que trará o cruzamento entre teoria e dados obtidos na análise.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência, de acordo com WALTER BENJAMIN (1985) era um conceito que há muito se atrelava à autoridade que a velhice trazia. No entanto, o autor problematiza o quanto as narrativas proferidas pelos idosos ainda encontram espaço para serem ouvidas pelos jovens interlocutores? Que linguagem seria a mais adequada? Aonde encontra-se-iam estes idosos dispostos a transmitir a experiência?

Uma das conclusões a que se chega é de que o discurso é tão importante quanto a experiência. A maneira de transmitir o conhecimento, sua coerência, sua intencionalidade é que darão conta de torná-los universais e necessários.

Contudo, esta narrativa calcada na experiência não é um simples entrelaçar de fatos. Benjamin percebeu que muitos dos que passavam por experiências traumáticas, como a guerra, necessitavam do silêncio. Tais experiências eram tão dilaceradoras que era impossível comunicá-las. Surgiram então os livros sobre a guerra. A literatura emerge como um dos suportes encontrados como via para estes depoimentos.

Já LUKÁCS (2011) discorre sobre a experiência linkando-a à literatura através do viés das crises históricas nacionais. Analisa o romance histórico de Walter Scott e relata que os heróis construídos pela nação são significativos há medida em que existe uma comoção nacional, a qual decorreu de uma experiência, como a trazida por ele, a Revolução Francesa. A “grandeza humana” estaria retratada nas personagens que denotam seus conflitos através de suas ações na diegese. Os *tipos sociais históricos* (2011, p.151) ganhariam vida através da literatura e eles que representariam a realidade.

No seu livro intitulado *O romance histórico* (2011) com o autor afirma que o verdadeiro romance histórico traz o passado para perto de nós, de maneira a torná-lo experienciável. Sem uma relação experienciável com o presente, a figuração da história seria impossível. Portanto, o vínculo com o passado é essencial e a experiência, necessária.

As obras de Mia Couto e Chiziane estão inseridas em uma fase na qual Moçambique busca uma nova identidade. A literatura, neste contexto, emerge como uma forma de registrar esta nova identidade, um suporte material que integra o patrimônio cultural deste país.

Como todo patrimônio, ainda que imaterial, é alvo de disputa entre grupos, pois ele agrega valores culturais, identitários e, muitas vezes, de poder. Assim, percebe-se que cultura pode ser sinônimo de conflito e decidir qual tipo de representação se exalta, qual a política de representação desse patrimônio, é decidir a maneira como se está reconstruindo o passado desta nação, a memória de que grupo(s) está-se fazendo representar.

Cada autor traz, a sua maneira, o passado ressignificado. Nota-se na obra de Chiziane uma maior dureza nas palavras. Já Mia Couto, através da sua prosa poética, nos revela a mesma experiência dolorosa advinda da guerra, mas sob uma linguagem mais sinuosa, mais encantada.

Em todos os romances analisados a guerra é o pano de fundo da diegese. No entanto, a visão sobre a guerra, a experiência advinda dela é relatada por personagens que não pertenceriam à versão oficial da história. A eles os autores emprestam a palavra, como no romance *Ventos do Apocalipse* (2006),

de Chiziane, no qual os curandeiros e mestres de cerimônia relatam os horrores da guerra, as mulheres contam as tristes sagas de fuga e de morte dos filhos e maridos. Ou no intitulado *O último voo do flamingo* (2005), de Mia Couto, no qual prostitutas e feiticeiros ganham espaço contando suas versões da história.

A ordenação dos fatos, a seleção do que nos será contado, como indica WHITE (1994), é feita por estas personagens que não tiveram oportunidade de construir uma história oficial, mas que relatam como foi de fato a experiência da guerra. Em *Terra Sonâmbula* (2007), romance de Mia Couto, os cadernos são o suporte de memória. As estórias são vestígios da história e quem seleciona o que contar é o velho que repassa as narrativas ao garoto.

A experiência, que nos indica BENJAMIN (1985), é trazida à tona pela crise da guerra. Mas de fato não é tarefa fácil relatar os momentos vividos. As incoerências se fazem presente. As várias versões em torno de uma mesma memória, como no caso da *A Varanda do Frangipani* (2008), de Couto.

Todos os romances elencados apresentam o caráter de narrativas de teor testemunhal. Como afirma SELIGMANN-SILVA (2008) é necessário narrar. Esta necessidade é nítida quando feita a leitura das obras. Ela perpassa toda a narrativa, por vezes é explicitada. Nota-se também o desejável distanciamento do fato traumático para que pudesse haver a narração já ocorreu, devido do à temporalidade das narrativas. Todavia os resquícios do trauma aparecem nas recordações, no rememorar, através da narrativa das memórias coletivas.

4. CONCLUSÕES

Através deste trabalho pôde-se melhor compreender como funciona o processo de reconstrução das experiências presentes em Moçambique. A memória do trauma contida na literatura ajuda a recriar os espaços e o evento traumático (a guerra). Esta reflexão espera que seja confirmada a hipótese de que a memória traumática e a experiência que precisa ser narrada são registros identitários importantes e servem de suporte de memória. Depois de decorrida a experiência histórica, ela é ressignificada individualmente e a partir daí advém o testemunho.

Também se concluiu que o testemunho, enquanto gênero literário, acaba afunilando-se para a experiência e que Mia Couto e Chiziane se sustentam no impulso da experiência histórica. Existem temáticas, preocupações comuns aos dois escritores e pôde-se perceber que ambos leem o passado e o presente a partir da experiência histórica. as conclusões o autor deve apresentar objetivamente qual a inovação obtida com o trabalho, evitando apresentar resultados neste espaço.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. **Experiência e Pobreza**. Magia e técnica, arte e política. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985[pp. 114-119].

BUESCU, Helena Carvalhão. **Grande Angular**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 2001 [pp. 3-26]

CHIZIANE, Paulina. **Ventos do Apocalipse**. Lisboa: Caminho, 2006.

COUTO, Mia. **O último voo do flamingo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. **Terra sonâmbula**. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

_____. **A varanda do frangipani**. São Paulo: Cia das Letras, 2008

LUKACS, Gyorgy. A forma clássica do romance histórico. **O romance histórico**. Trad. Arlenice Imeida da Silva. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011 [pp.33-113].

RICOEUR, Paul. **A crítica e a convicção**. Conversas com François Azouvi e Maré de Launay. Lisboa: Edições 70, 1997.

_____. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: ed. Unicamp, 2008.

SELIGMANN- SILVA, Marcos. **Narrar o trauma - A questão dos testemunhos de catástrofes históricas**.

Disponível em

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652008000100005&lng=en&nrm=iso&tlng=en>

Acesso em: 13 set. 2013.

WHITE, Hayden. **O texto histórico como artefato literário**. Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura. São Paulo: EDUSP, 1994 [pp. 97-196].